

AS REFLEXÕES FILOSÓFICO-LITERÁRIAS DE MARJORIE GARBER E PETER SINGER A RESPEITO DE *THE LIVES OF ANIMALS*, DE J. M. COETZEE

Mateus Stein *

Resumo: A presente apreciação apresentará alguns dos pressupostos filosófico-literários explorados por Marjorie Garber e Peter Singer em suas reflexões a respeito de *The Lives of Animals*, de J. M. Coetzee. Em vista disso, portanto, a primeira seção deste artigo consistirá em uma exposição daquilo que Garber julga tratar-se de apropriações inadequadas de elementos textuais literários para se falar – através de metáforas – a respeito da vida e do comportamento dos animais humanos e não-humanos. Além disso, Garber também irá promover uma reflexão acerca do valor da literatura para a filosofia, apesar dela não desenvolver melhor essa questão em sua análise de *The Lives of Animals*. Na segunda seção deste trabalho, por conseguinte, tentaremos retratar a reação de Singer, bem como alguns de seus argumentos favoráveis e contrários ao conteúdo elaborado por Coetzee em suas conferências. Apenas para nos antecipar, a reação de Singer a *The Lives of Animals* foi deliberadamente concebida no formato de um diálogo literário. Outrossim, acreditamos que alguns dos principais argumentos de Singer acerca dos animais não-humanos só podem ser realmente entendidos através de uma razoável elucidação de sua ética prática. É por conta disso que iremos expor, ao final desta apreciação, uma síntese da *Ética Prática* de Singer.

Palavras-chave: Animais Não-Humanos. Ética. Literatura.

Introdução

*The Lives of Animals*¹, de J. M. Coetzee, é uma obra literária sensível à vulnerabilidade dos animais não-humanos diante de todos nós – os animais humanos. Ela foi elaborada com a finalidade de ser apresentada como conferência acadêmica para um público de especialistas, docentes e estudantes. Coetzee dividiu *The Lives of Animals* em duas partes (ou conferências): *The Philosophers and the Animals* e *The Poets and the Animals*. Cada uma dessas partes é protagonizada por personagens fictícios que representam diferentes pontos de vista dentro da narrativa.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Área de Concentração: Filosofia Teórica e Prática. Linha de Pesquisa: Ética Normativa, Metaética e Ética Aplicada. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: beyondmatstein@gmail.com

¹ GUTMANN, Amy. (Ed.). *The Lives of Animals*. Princeton: Princeton University Press, 1999.

Elizabeth Costello, por exemplo, é a personagem responsável por elaborar e proferir essas conferências. John Bernard – filho de Costello – possibilita que acompanhem o desenrolar da estória, na maior parte do tempo, através de sua própria perspectiva. Por fim, existe também a esposa de John, a rigorosa filósofa da mente desempregada chamada Norma, cujo principal papel na obra de Coetzee é servir, antes de qualquer outra coisa, como antagonista para sua sogra.

Nas reflexões acerca de *The Lives of Animals*, Marjorie Garber – professora de inglês em Harvard, e especialista em Shakespeare – analisa o trabalho de Coetzee a partir do ponto de vista da literatura, da psicanálise, da teoria de gênero, dos estudos culturais e de sua *expertise* em Shakespeare. Garber dedica pelo menos uma pergunta para cada ponto de vista introduzido neste mesmo parágrafo: 1. *O que o estilo tem a ver com o conteúdo?* 2. *O que o estilo dessas conferências substitui, reprime ou rejeita? O que é notável em sua ausência aqui?* 3. *Quais são os relacionamentos entre os sexos e entre os membros da família, na narrativa de Coetzee?* 4. *O que a atenção em relação aos animais nos diz em relação às pessoas?* 5. *Qual é o “valor”, se há algum, do estudo literário na academia e no mundo de hoje? A análise literária é um valor humano?*² Nos focaremos mais aprofundadamente no conteúdo explorado por Garber em sua análise concernente ao quinto ponto de vista.

Por sua vez, Peter Singer é um pensador australiano reconhecido internacionalmente por ter falado sobre uma série de assuntos polêmicos nas últimas décadas. Entre outras coisas, em diversos trabalhos seus³, Singer sustenta que devemos considerar o interesse dos animais não-humanos em viver sem ter que sofrer desnecessariamente em nossas mãos. Ademais, de acordo com Singer, o princípio fundamental da igualdade – que todos nós perseguimos – deve ser estendido para todas as criaturas sencientes. Desse modo, portanto, o consumo de produtos de origem animal, bem como a exibição de animais não-humanos em zoológicos e circos, e sua utilização como força de trabalho é, na visão de Singer, extremamente desaconselhável diante do eminente fato dos animais sofrerem, além de provavelmente preferirem permanecer vivos⁴.

² 1. Literatura; 2. Psicanálise; 3. Teoria de gênero; 4. Estudos culturais; 5. Shakespeare.

³ SINGER, Peter. *Animal Liberation: A New Ethics for our Treatment of Animals*, Nova Iorque: Harper Perennial Modern Classics, 2009; *Ethics into Action: Henry Spira and the Animal Rights Movement*. Melbourne: Melbourne University Press, 1999, e; *The Expanding Circle: Ethics and Sociobiology*. Nova Iorque: New American Library, 1982, apenas para citar alguns exemplos.

⁴ De acordo com Singer: “*O argumento para estender o princípio de igualdade além da nossa própria espécie é simples, tão simples que não requer mais do que a compreensão da natureza do princípio da igual consideração de interesses. Como já vimos, esse princípio implica que a nossa preocupação com os outros não deve depender de como são, ou das aptidões que possuem (muito embora o que essa preocupação exige precisamente que façamos possa variar, conforme as características dos que são afetados por nossas ações). É com base nisso que podemos afirmar que o fato de algumas pessoas não serem membros de nossa raça não nos dá o direito de*

1 As reflexões de Marjorie Garber

Nas três páginas remanescentes de sua análise, dando prosseguimento à linha argumentativa iniciada em parágrafos prévios de suas reflexões em relação à *The Lives of Animals*, Marjorie Garber discorre a respeito dos perigos da linguagem figurativa em referências como aquelas provenientes da sociobiologia, ou daquilo que, segundo ela, Costello chama de “etnobiologia”. De acordo com uma fonte selecionada por Garber⁵, um dos erros da sociobiologia é considerar metáforas como identidades reais, e esquecer ou naturalizar a fonte dessas metáforas. Conforme os autores dessa mesma fonte, alguns sociobiólogos usam e abusam da literatura e da análise literária na cultura:

Enquanto os sociobiólogos herdaram a realeza e a escravidão em formigas da entomologia do século XIX, eles fizeram da falsa metáfora um dispositivo próprio. A agressão, a guerra, a cooperação, o parentesco, a lealdade, o acanhamento, o estupro, a traição e a cultura. Tudo é aplicado aos animais não-humanos. Disso se segue que as manifestações humanas são vistas como especiais, talvez como casos mais desenvolvidos (LEWONTIN; ROSE; KAMIN, 1984, p. 250 apud GARBER, 1999, p. 83).⁶

Tendo como ponto de partida a observação mencionada acima, Garber tenta ilustrar algo que sempre a deixou fascinada a respeito daquilo que E. O. Wilson chama de “altruísmo recíproco” na natureza em *Sociobiology*⁷. Nas sarcásticas palavras de Garber, uma passagem dessa obra que “perfeitamente incorpora a tautologia, um espetacular exemplo de citação fora de contexto, e uma definição (muito familiar) da poesia como a verdade não problemática e atemporal da natureza humana” (GARBER, 1999, p. 84), é aquela que afirma que a seleção irá discriminar contra o indivíduo se trapacear tiver efeitos adversos mais tarde em sua vida e em sua reprodução. Segundo ela, Wilson sustenta essa asserção citando uma obra literária de Shakespeare em uma passagem de *Othello*, onde esse último fala sobre a boa reputação que acompanha as pessoas⁸. O principal problema, de acordo com Garber, está no fato de Wilson

explorá-las e, da mesma forma, que o fato de algumas pessoas serem menos inteligentes que outras não significa que os seus interesses possam ser colocados em segundo plano. O princípio, contudo, também implica o fato de que os seres não pertencerem à nossa espécie não nos dá o direito de explorá-los, nem significa que, por serem os outros animais menos inteligentes do que nós, possamos deixar de levar em conta os seus interesses.” (SINGER, 2002, p. 66).

SINGER, Peter. *Ética Prática*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

⁵ LEWONTIN, R. C.; ROSE, Steven; KAMIN, Leon J. *Not in Our Genes: Biology, Ideology, and Human Nature*. Nova Iorque: Pantheon Books, 1984. p. 249-250.

⁶ A tradução de todas as passagens introduzidas neste texto cujas obras mencionadas foram redigidas originalmente em inglês, é de minha própria autoria.

⁷ WILSON, E. O. *Sociobiology: The New Synthesis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

⁸ “*Good name in man and woman, dear my lord, is the immediate jewel of their souls*”.

comparar uma passagem de um texto de Shakespeare, usado fora de contexto, com a natureza humana⁹.

À guisa de conclusão, Garber retorna à *The Lives of Animals* mais uma vez, analisando um comentário feito por John e direcionado a sua mãe. Nesse comentário John pergunta a Costello se ela acredita que as aulas de poesia irão fechar os matadouros. A resposta de Costello a essa pergunta não é nem um pouco positiva. Diante da estarecedora posição de sua mãe, John questiona a razão dela fazer o que faz, mas suas respostas são sempre evasivas. Costello, e conseqüentemente Coetzee, parece pretender evitar ter que se comprometer com qualquer posição definitiva sobre os animais não-humanos. Desse modo, Elizabeth Costello mantém uma distância considerável daqueles pensadores, fictícios ou não, que sustentam ser preciso defender, com unhas e dentes e até às últimas conseqüências, as premissas de teorias cujas pretensões envolvem nos instruir e fazer agir a favor *disso* ou *daquilo*:

A poesia não faz nada acontecer, W. H. Auden escreveu uma vez. Mas isso é verdade? E isso deve ser verdade? O que a poesia tem a oferecer, o que a linguagem

⁹ Para falar aqui em defesa de E. O. Wilson e também da sociobiologia, é comum que se cometam mal-entendidos em relação à interpretação das teses defendidas por alguns de seus representantes. Essas teses são consideradas controversas especialmente entre os pensadores de áreas do conhecimento como as ciências humanas e sociais, porque, não raramente, elas aparentam deslegitimar algumas teorias sustentadas em bases ideológicas ou agendas políticas defendidas por esses mesmos pensadores. No mais, tais indivíduos muitas vezes sustentam que a sociobiologia dá margens a compreensões nocivas a respeito da natureza humana de maneira equivocada ou intelectualmente desonesta. Eles também fazem interpretações intencionalmente caricatas da sociobiologia com base em obras desatualizadas ou cientificamente superficiais escritas por sociobiólogos como Richard Dawkins. A obra anteriormente citada por Marjorie Garber onde R. C. Lewontin e outros tentam deslegitimar a sociobiologia é um exemplo de trabalho em que a adesão a uma base ideológica – neste caso, a marxista – acaba por motivar tais autores a distorcerem as teses defendidas por indivíduos como Wilson. É claro que a questão não é tão simples quanto eu faço parecer aqui. No entanto, basta que leiamos entrevistas recentes de Wilson sobre a divulgação de seu trabalho para percebermos que suas teses foram compreendidas de maneira equivocada por parte de seus críticos. Wilson não defende que a evolução ou a genética sejam fatores absolutamente determinantes em nosso comportamento, tampouco tenta legitimar algumas de nossas atitudes com base nos resultados de suas pesquisas. Uma característica preponderante presente em suas obras é justamente a tentativa de mostrar como somos criaturas suscetíveis a todo tipo de influências propiciadas pelo meio em que nos encontramos. Além disso, entre outras coisas, ele também indica o quão capazes somos de nos adaptar a uma convivência pacífica uns com os outros, tendo sempre em vista a finalidade de construir sociedades cada vez mais colaborativas e complexas. Lembro ainda que uma das principais intenções de Wilson ao fazer comparações entre as sociedades de formigas (Wilson é um especialista em formigas) e as sociedades humanas é apontar para o fato de que não há nada na evolução das espécies que coloque os seres humanos em um patamar acima do de outros animais. Aliás, sua tendência é justamente tentar provar o contrário, isto é, que os seres humanos são menos essenciais para o equilíbrio da natureza do que qualquer outra espécie de seres vivos e que, em vista disso, devemos ter um profundo respeito por todos os seres vivos que se encontram ao nosso redor.

ODIFREDDI, Piergiorgio. Por que o ser humano precisa de insetos. Entrevista com Edward Wilson. Trad. Moisés Sbardelotto. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 18 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/506692-por-que-o-ser-humano-precisa-de-insetos-entrevista-com-edward-wilson>>. Acesso em: 05 dez. 2015.

MOON, Peter. Edward O. Wilson: "Evoluímos graças à luta do bem contra o mal". *Época*, 20 mar. 2013. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2013/03/edward-o-wilson-evoluimos-gracas-luta-do-bem-contra-o-mal.html>>. Acesso em: 05 dez. 2015.

tem a oferecer, a título de consolo, com exceção da analogia, com exceção da arte da linguagem? Nessas duas elegantes palestras nós pensamos que John Coetzee estava falando sobre os animais. Poderia ser, no entanto, que o tempo todo ele estava realmente perguntando: “Qual é o valor da literatura?” (GARBER, 1999, p. 84).

É em decorrência desse fato marcante observável na obra de Coetzee que Garber acredita que *The Lives of Animals* não fala somente acerca dos animais. Garber também pensa que durante todo seu livro, Coetzee, através da personagem de Costello, está se perguntando “Qual é o valor da literatura?”. Infelizmente, no entanto, Garber não desenvolve melhor essa questão em suas reflexões a respeito da obra de Coetzee¹⁰.

2 As reflexões de Peter Singer

Assim como Elizabeth Costello, Peter Singer também costuma refletir acerca da vulnerabilidade dos animais não-humanos diante da humanidade. Aliás, a maior parte das contribuições de Singer à filosofia gira em torno da questão de como podemos reduzir o sofrimento dos animais simplesmente mudando o estilo de vida que levamos, além de nos instruir sobre como tornar nossa relação com os animais mais igualitária. No entanto, apesar de ter seu trabalho reconhecido e admirado por praticamente qualquer indivíduo que tenha apreço pela questão dos animais, Singer reconhece sua total inaptidão em responder *The Lives of Animals* à altura “Me chame de antiquado, então, mas eu prefiro manter a verdade e a ficção separadas claramente. Tudo o que eu quero saber é: como é que eu vou a responder a isso?” (SINGER, 1999, p. 86).

Singer – uma criatura incapaz de ver a relevância da literatura para a filosofia – resolve aderir à moda lançada pelo autor do texto que lhe deixou sem saber o que responder. É somente desse modo que ele consegue dialogar mais ou menos em pé de igualdade com as conferências proferidas por Costello em *The Lives of Animals*. Diferentemente de Coetzee, e até mesmo de Platão, no entanto, Singer acredita que transformar a si mesmo em um dos

¹⁰ Em uma entrevista recente concedida ao *Jornal El País*, o filósofo canadense Charles Taylor parece ter tentado responder “Qual é o valor da literatura?”: “Para explorar os diferentes modos de significação da vida, a linguagem filosófica, que pretende ser muito clara, não é suficiente. Há um pensamento sutil, como dizia Pascal. Não existe apenas um pensamento matemático capaz de explorar as diferentes formas de significado. Para falar como um filósofo é preciso ler literatura, escutar música, porque há outras maneiras de expressar as coisas. O discurso do filósofo é um pouco manco, devo dizer, sem essa referência à literatura. Nela existe uma riqueza, uma densidade de pensamento completamente ausente em outros textos. Eu tento navegar entre um e outro porque acho que é necessário.”

ARROYO, Francesc; TAYLOR, Charles. Charles Taylor: “As pessoas hoje não têm claro o sentido da vida”. *El País*, Madri, 15 ago. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/06/internacional/1438877393_088926.html>. Acesso em: 20 dez. 2015.

personagens de sua trama não é uma má ideia. Naomi (sua filha) e Max (o cachorro da família) são os únicos seres sencientes que interagem com Singer em suas aventuras pelo mundo da literatura.

Tudo começa com um café da manhã entre Naomi e Singer. Max também se faz presente, apesar de estar dormindo em algum lugar por perto. Naomi quebra o silêncio perguntando a Singer a razão dele estar tão absorvido por sua leitura matutina. Singer aproveita a situação para falar a respeito de sua dificuldade em encontrar uma resposta adequada para *The Lives of Animals*. Ele manifesta sua preferência em manter a verdade e a ficção separadas. Naomi, agora aparentemente interessada em saber no que consiste, afinal, essa obra desafiadora até mesmo para seu pai, induz Singer a dissertar sobre as posições de Costello em suas conferências:

Ela está do lado certo, não há dúvida sobre isso. Ela é uma vegetariana. Ela mostra o quão limitadas e restritivas algumas famosas investigações científicas sobre as mentes dos primatas têm sido. E há algumas passagens muito fortes comparando o que estamos fazendo com os animais com o Holocausto (SINGER, 1999, p. 86).

Usufruindo da oportunidade de expressar suas opiniões e constrangimentos em relação à obra de Coetzee, Singer afirma que Costello é uma vegetariana, assim como ele e sua filha. Além disso, Costello, de acordo com Singer, invoca algumas intensas comparações entre o que fazemos com os animais e o Holocausto. Naomi, então, mesmo simpatizando com Costello no que se refere aos animais, alega que não se comprometeria a ir tão longe ao comparar o que aconteceu com seus antepassados com o que acontece com os animais. Singer concorda, apesar de não considerar a analogia tão absurda assim. Para Singer, aqueles que estão no poder sempre possuem a capacidade de submeter os menos poderosos a suas próprias vontades. E nesse caso, por analogia, nós estamos para os animais como os nazistas estavam para os judeus. Diante dessas informações, Naomi questiona Singer se a analogia feita por Coetzee entre nós e os nazistas é equivalente a que Singer faz entre o racismo e o especismo. Singer corrige Naomi alegando que quem faz essa alegação é, na realidade, Costello. E não! Segundo Singer essas analogias não são equivalentes entre si. Singer acredita que Costello vai mais longe até mesmo do que ele. Apesar de ambos apontarem para aquilo que as pessoas não querem ver, Costello defende uma forma ainda mais radical de igualitarismo entre as pessoas e os animais.

Para Singer, os interesses de todos os seres sencientes devem ser tratados com imparcialidade. Todavia, Singer não acredita que os interesses de todos os seres sencientes

sejam os mesmos. Existem certos interesses intrínsecos a algumas espécies que são moralmente mais relevantes do que os de criaturas de outras espécies. Tirar a vida de um indivíduo de uma dessas espécies pode ser mais problemático, do ponto de vista moral, do que tirar a vida de indivíduos de espécies cujos interesses não sejam moralmente tão relevantes:

Isso resolve. De qualquer forma, quando eu digo que todos os animais – todas as criaturas sencientes – são iguais, eu quero dizer que eles têm direito a igual consideração sobre seus interesses, o que quer que esses interesses sejam. Dor é dor, não importa a espécie do ser que a está sentindo. No entanto, eu não afirmo que todos os animais têm os mesmos interesses. Fazer parte de uma espécie pode apontar para coisas que são moralmente significativas. Quando se trata do equívoco de se tirar uma vida, por exemplo, eu sempre afirmei que diferentes capacidades são relevantes para o equívoco de se matar (SINGER, 1999, p. 87).

Ouvir Singer afirmar essas coisas é um alívio para Naomi, pois até então, ela nunca esteve certa de que se durante um incêndio seu pai preferiria salvar a ela ou ao cachorro da família. Brincadeiras à parte, Naomi estranha o fato de Singer expressar-se desse modo, afinal, ele soa um tanto especista para ela. Se os seres humanos possuem interesses moralmente mais relevantes do que os de outros animais, por que Singer defende que os interesses de todos os seres sencientes devem ser tratados com imparcialidade? Apesar dela possuir uma melhor capacidade de planejar sua vida para sentir prazer, Max possui um aguçado aparato olfativo que permite que ele sinta prazeres caninos incomparáveis àqueles de um ser humano convencional. Apesar de tudo, Singer não acredita que isso torne Max mais especial do que um ser humano. Max talvez seja substituível de um ponto de vista estritamente utilitarista. Se ele vier a falecer, a família sempre poderá adotar um outro cachorro capaz de experimentar o mundo da mesma forma que Max. Talvez o mesmo não possa ser dito a respeito de Naomi, por exemplo.

Agora um tanto indignada com o quão longe seu pai é capaz de levar o raciocínio estritamente filosófico, Naomi acusa Singer de não possuir sentimentos. Singer se defende asserindo que ele apenas está pensando criticamente a respeito daquilo que ele sente, e que ele considera inadmissível utilizar apenas nossos sentimentos como fonte de nossas motivações morais. Usando essa asserção como pretexto, Singer finalmente ataca Costello, concluindo que o problema de seu posicionamento em *The Lives of Animals* está justamente no fato de parecer que ela se deixa levar exclusivamente por seus sentimentos:

Você sabe muito bem que eu me preocupo com o Max, então abra mão do discurso 'Você racionaliza, então você não sente', por favor. Eu sinto, mas eu também penso sobre o que eu sinto. Quando as pessoas dizem que *só* se deve sentir – e às vezes Costello chega perto disso, em sua conferência – eu me lembro de Göring, que disse 'Eu penso com meu sangue.' Veja aonde isso o levou. Nós não podemos considerar nossos sentimentos como dados morais, imunes à crítica racional (SINGER, 1999, p. 88-89).

Outrossim, para Costello, os seres humanos e os morcegos possuem pelo menos uma característica em comum: ambas as espécies estão “repletas de ser”. Ela acredita que estar repleto de ser é mais importante do que pertencer a uma espécie. Não existem, portanto, interesses moralmente mais relevantes para Costello. Tudo o que há são criaturas repletas de ser. Elas compartilham entre si o mesmo substrato da vida.

A reação de Singer em relação à posição de Costello é simplesmente apontar para o fato de seus argumentos não serem racionalmente muito bem fundamentados. No entanto, Singer continua a considerar-se incapaz de oferecer uma resposta satisfatória para *The Lives of Animals*. Seu maior dilema reside no fato de considerar impossível avaliar se as posições defendidas por Costello em relação ao tema de suas conferências são as mesmas que aquelas sustentadas por Coetzee. Aliás, a personagem de Norma, antagonista de Costello na trama da estória acaba por desempenhar praticamente o mesmo papel de Singer ao tentar apontar as inconsistências do pensamento de sua sogra:

Mas eles *são* argumentos de Coetzee? Esse é justamente o ponto – é por isso que eu não sei como proceder em responder a essa assim chamada conferência. Eles são argumentos de *Costello*. O artifício ficcional de Coetzee permite que ele se distancie deles. E ele tem essa personagem, a Norma, a nora de Costello, que faz todas as objeções óbvias ao que Costello está dizendo. É um artifício maravilhoso, realmente. Costello pode displicentemente criticar o uso da razão, ou a necessidade de se ter quaisquer princípios ou proibições claras, sem Coetzee realmente se comprometer com essas alegações. Talvez ele realmente compartilhe das muito adequadas dúvidas de Norma sobre elas. Coetzee nem sequer precisa se preocupar muito com a apresentação da estrutura da conferência. Quando ele percebe que ela está começando a desandar, ele dispõe da Norma para dizer que a Costello está divagando! (SINGER, 1999, p. 91).

De acordo com Singer, ainda, Costello pode displicentemente criticar o uso da razão ou a necessidade de se ter prescrições e princípios claros, sem que com isso o próprio Coetzee se comprometa com as ideias sustentadas por sua personagem. Talvez o próprio Coetzee pense como Norma em relação às alegações de Costello, conclui Singer.

Vendo-se diante do dilema enfrentado por seu pai, Naomi sugere que Singer adote a mesma estratégia astuciosamente implementada por Coetzee em *The Lives of Animals* para

dialogar em pé de igualdade com seu interlocutor. E a resposta de Singer para isso é: “*Eu? Quando é que eu já escrevi ficção?*”¹¹.

Considerações finais

Em um trabalho relativamente recente intitulado *Ética Prática*, Peter Singer discorre a respeito das características da ética e sobre como podemos formular ou conceber uma abordagem adequada para se tratar de problemas de natureza prática. Singer argumenta que devemos evitar qualquer tipo de ambiguidade ao buscarmos entender o que a ética não pode ser, e o que ela, de fato, é:

O tema deste livro é a ética prática, ou seja, a aplicação da ética ou da moralidade (usarei indiferentemente essas duas palavras) à abordagem de questões práticas, como o tratamento dispensado às minorias étnicas, a igualdade para as mulheres, o uso de animais em pesquisas e para a fabricação de alimentos, a preservação do meio ambiente, o aborto, a eutanásia e a obrigação que têm os ricos de ajudar os pobres. Sem dúvida, o leitor pretende que eu comece imediatamente a discorrer sobre esses assuntos, mas existem algumas preliminares que é preciso abordar de início. Para que a discussão sobre a ética seja proveitosa, é preciso dizer alguma coisa *sobre* a ética, de modo que tenhamos um claro entendimento daquilo que fazemos ao discutir problemas éticos (SINGER, 2002, p. 9).

De acordo com Singer, entre outras coisas, a ética não pode ser interpretada como se tratando de uma série de proposições proibitivas e puritanas que visam acabar com a diversão das pessoas. Desse modo, por exemplo, não é papel da ética sancionar nosso comportamento ou orientação sexual. Ademais, a ética não pode ser entendida como consistindo em um sistema idealista sem nenhuma aplicabilidade. Em outras palavras, ela deve ser capaz de se adequar à realidade das coisas. A ética também não deve ser inteligível somente no contexto da religião, pois mesmo que alguém alegue ser preciso ter uma noção de bem fixada a uma

¹¹ Para falar aqui em defesa de Peter Singer, essa não é a única vez em que ele se preocupa em escrever sobre ficção e de que modo ela poderia colaborar para uma compreensão mais rica da própria filosofia. Na obra intitulada *The Moral of the Story: An Anthology of Ethics Through Literature*, ele e sua esposa, Renata Singer, uma romancista e autora também australiana, esforçam-se em reunir uma rica coletânea de textos literários com relevância para a reflexão ética e filosófica em um único volume. Nessa obra Peter e Renata reúnem textos de autores de diferentes épocas e gêneros literários em eixos temáticos por eles brevemente comentados. *The Moral of the Story* está dividida em quinze eixos temáticos e consta de textos de pelo menos cinquenta diferentes autores. Estou ciente de que essa obra não redime Singer de se comprometer com posições um tanto precipitadas em relação a uma série de assuntos, e isso inclui, é claro, seus argumentos em prol dos animais não-humanos. No entanto, também não consigo entender as razões que levam tantas pessoas qualificadas dentro da academia a constantemente desmerecerem categoricamente o trabalho de Singer. Em minha opinião, são os esforços empreendidos em trabalhos pouco conhecidos como *The Moral of the Story* que redimem, nem que seja só um pouco, a polêmica gerada em torno dos argumentos defendidos pela figura de Peter Singer. SINGER, Peter; SINGER, Renata. (Eds.). *The Moral of the Story: An Anthology of Ethics Through Literature*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

determinada entidade metafísica – digamos Deus – em última instância não é Deus que define o que pode ser considerado bom, mas o que é considerado bom serve como critério para se dar atributos a Deus. Aliás, uma religião pode considerar aceitável, com base em algum preceito divino e dogmático, que torturar e causar sofrimento seja justificável em alguns casos, o que definitivamente não se conforma aos padrões da ética. Ainda de acordo com Singer, a ética não pode ser relativa ou subjetiva em relação aos agentes morais. Seu valor de veracidade deve ter como critério de validação a produção de algum resultado objetivo, como a eliminação do sofrimento; ou universal, como não fazer com os outros aquilo que não desejamos que se faça a nós mesmos.

Uma vez tendo demonstrado o que a ética não pode ser, Singer passa a elucidar o que ela, de fato, é. A ética, segundo Singer – e somente para enfatizar – não pode despontar nos termos de qualquer grupo parcial ou local. Ela deve estar fundamentada sobre um ponto de vista objetivo e universal. Nossas preferências e aversões não devem ser levadas em consideração na hora de se fazer um juízo ético. O fato de eu ou alguém próximo a mim beneficiar-se com alguma máxima ética é indiferente e não deve ser levado em deferência. Em outras palavras, para Singer a ética exige que eu seja um espectador imparcial ou um observador ideal:

O que isso mostra? Não mostra que o utilitarismo pode ser inferido do aspecto universal da ética: existem outros ideais éticos – como os direitos individuais, o caráter sagrado da vida, a justiça, a pureza, etc. – que são universais no devido sentido e, pelo menos em algumas versões, incompatíveis com o utilitarismo. Mostra que chegamos, com grande rapidez, a uma postura inicialmente utilitária tão logo aplicamos o aspecto universal da ética a uma tomada de decisões simples e pré-ética. Isso, acredito, faz incidir o ônus da prova sobre aqueles que procuram extrapolar o utilitarismo. A postura utilitária é uma posição mínima, uma base inicial à qual chegamos ao universalizar a tomada de decisões com base no interesse próprio. Se pretendemos pensar eticamente, não podemos nos recusar a dar esse passo. Se vamos nos deixar convencer de que devemos extrapolar o utilitarismo e aceitar princípios ou ideais morais, precisamos dispor de boas razões para dar mais esse passo. Até que tais razões sejam aduzidas, temos alguns motivos para continuar utilitaristas (SINGER, 2002, p. 22).

As razões que conduziram Singer a preferir tratar os problemas abordados em sua obra com base em uma teoria obviamente utilitarista explicam-se da seguinte maneira: existe um problema em se tentar abordar a ética exclusivamente com base em juízos universais, simples e formais. Os motivos que podem levar uma pessoa a escolher certos juízos universais podem se dar pela simples razão de se considerar esses juízos adequados a seus sistemas de crenças. Ela pode, como alega Singer, introduzir suas próprias convicções em suas definições do que é ser ético. O utilitarismo elaborado por Singer, por sua vez, aparentemente acaba por não gerar

esse problema. O curso de ação que o agente utilitarista da descrição de Singer deve adotar tem como objetivo primordial gerar as melhores consequências para todos aqueles que serão afetados por suas decisões. Isso quer dizer que o agente somente deve agir após considerar todos os cursos de ação possíveis.

Referências

ARROYO, Francesc; TAYLOR, Charles. Charles Taylor: “As pessoas hoje não têm claro o sentido da vida”. **El País**, Madri, 15 ago. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/06/internacional/1438877393_088926.html>. Acesso em: 20 dez. 2015.

GARBER, Marjorie. Reflections. In: GUTMANN, Amy. (Ed.). **The Lives of Animals**. Princeton: Princeton University Press, 1999.

GUTMANN, Amy. (Ed.). **The Lives of Animals**. Princeton: Princeton University Press, 1999.

LEWONTIN, R. C.; ROSE, Steven; KAMIN, Leon J. **Not in Our Genes: Biology, Ideology, and Human Nature**. Nova Iorque: Pantheon Books, 1984.

MOON, Peter. Edward O. Wilson: "Evoluímos graças à luta do bem contra o mal". **Época**, 20 mar. 2013. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2013/03/edward-o-wilson-evoluimos-gracas-luta-do-bem-contra-o-mal.html>>. Acesso em: 05 dez. 2015.

ODIFREDDI, Piergiorgio. Por que o ser humano precisa de insetos. Entrevista com Edward Wilson. Trad. Moisés Sbardelotto. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 18 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/506692-por-que-o-ser-humano-precisa-de-insetos-entrevista-com-edward-wilson>>. Acesso em: 05 dez. 2015.

SINGER, Peter. **Animal Liberation: A New Ethics for our Treatment of Animals**, Nova Iorque: Harper Perennial Modern Classics, 2009.

_____. **Ethics into Action: Henry Spira and the Animal Rights Movement**. Melbourne: Melbourne University Press, 1999.

_____. **Ética Prática**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **The Expanding Circle: Ethics and Sociobiology**. Nova Iorque: New American Library, 1982

SINGER, Peter. Reflections. In: GUTMANN, Amy. (Ed.). **The lives of animals**. Princeton: Princeton University Press, 1999.

SINGER, Peter; SINGER, Renata. (Eds.). **The moral of the story: An Anthology of Ethics Through Literature**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

WILSON, E. O. **Sociobiology**: The New Synthesis. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.